

## O IMPACTO DA COVID-19 NO TRABALHO INFORMAL E AS PERSPECTIVAS PÓS-PANDEMIA

### THE IMPACT OF COVID-19 ON INFORMAL WORK AND POST-PANDEMIC PERSPECTIVES

**Vera Lúcia Cruz**

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil  
vera.cruz@ccsa.ufpb.br

**Mayara dos Santos Silva**

Universidade Potiguar (UnP), Brasil  
mayssilva28@gmail.com

**Deborah Martins de Sousa Nolasco**

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI/BA), Brasil  
deborahmartinssn@gmail.com

**Luiz Antonio Felix Júnior**

Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Brasil  
Luiz.felix@ifal.edu.br

**Submissão:** 15.05.2021. **Aprovação:** 14.02.2022. **Publicação:** 22.05.2022.

**Sistema de avaliação:** *Double blind review*. **Centro Universitário UNA**, Belo Horizonte - MG, Brasil.

**Editora chefe:** Profa. Dra. Daniela Viegas da Costa-Nascimento

Este artigo encontra-se disponível no seguinte endereço eletrônico:  
<http://revistas.una.br/index.php/reuna/article/view/1295>

#### Resumo

O objetivo da pesquisa foi identificar o impacto da COVID-19 no trabalho informal. A metodologia empregada foi a de levantamento e usou um questionário para realizar a coleta de dados, que foi enviado aos respondentes de forma eletrônica através das redes sociais e com o uso da técnica bola de neve. Os dados coletados foram tratados no SPSS® V.24, e a pergunta aberta, no Iramuteq, versão 0.7, Alpha 2, de livre acesso. Com base nos resultados, o estudo concluiu que a pandemia provocou redução financeira que variou de 5% a 50% e que o isolamento utilizado como medida de segurança contra o coronavírus impactou a atividade profissional e gerou a perda de clientes. Ainda, segundo os dados, eles passaram a fazer a mesma coisa de forma diferente. No entanto, as modificações não surtiram efeito para aumento ou manutenção da renda. Ademais, os respondentes apontaram que passaram a trabalhar mais e isso não gerou a contratação de um novo funcionário. Os respondentes finalizaram, apontando, de acordo com os depoimentos coletados, palavras associadas à esperança em relação às suas perspectivas futuras.

**Palavras-Chave:** COVID-19; Trabalho informal; Perspectivas.

#### Abstract

The objective of the research was to identify the impact of COVID-19 on everyday work. The methodology used was the survey using a questionnaire to collect data,

which was sent to respondents electronically, through social networks, and using the snowball technique. The collected data were processed through the SPSS® software, V.24, and the open-ended questions through free access Iramuteq software, version 0.7, Alpha 2. Based on the results, the study concluded that the pandemic caused a financial reduction that ranged from 5% to 50% and that the isolation used as security measures against the coronavirus impacted their professional activity and generated a loss of clients. Moreover, according to the data, they started to do the same thing differently. However, the changes did not affect income increase or maintenance. In addition, they pointed out that they started to work more, which did not cause the hiring of a new employee. According to the statements collected, respondents ended up pointing out words associated with hope concerning their prospects.

**Keywords:** COVID-19; Informal work; Perspectives.

## 1. Introdução

A pandemia da COVID-19 fez com que o mundo passasse por mudanças sem precedentes em um curto período de tempo (VISWANATH; MONGA, 2020). Muitos países vêm estabelecendo medidas de contenção, mitigação ou supressão epidemiológicas em atendimento às diretrizes adotadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Contudo, estas medidas trazem impactos econômicos recessivos em diferentes graus, uma vez que a queda significativa nas cadeias globais de produção e consumo corrobora esta relação (MARANHÃO; SENHORAS, 2020).

Dentre as medidas de combate à pandemia está a restrição do funcionamento de vários estabelecimentos, como cinemas, hotéis e restaurantes, entre outros. Os setores que devem ser mais afetados envolvem a construção civil, transporte, comércio e outros serviços, devido ao aumento dos níveis de trabalho informal. Ao mesmo tempo, a crise econômica afetará, desproporcionalmente, as micro, pequenas e médias empresas em função da abrupta queda nas receitas. Ademais, na extremidade desta cadeia estão os trabalhadores informais que, com a redução da renda mensal, podem enfrentar dificuldades na sua subsistência (BITTENCOURT, 2020; BORGES *et al.*, 2020; DE VITO; GOMEZ, 2020; MAITAL; BARZAINÉ, 2020; MARANHÃO; SENHORAS, 2020).

Segundo o IBGE (2020), a informalidade representa a soma dos trabalhadores sem carteira, trabalhadores domésticos sem carteira, empregador sem CNPJ, conta própria sem CNPJ e trabalhador familiar auxiliar. Mesquita (2020) complementa, informando que mercado informal são todas as atividades econômicas que são desenvolvidas sem a regulamentação legal.

Nessa perspectiva, a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2020) afirma que, embora o trabalho por conta própria, normalmente, não reaja às crises econômicas, ele atua como uma opção "padrão" para a sobrevivência ou manutenção da renda, geralmente na economia informal. Lima e Bendassolli (2020) complementam, apontando que três elementos são centrais na compreensão da origem e desenvolvimento da informalidade: o desemprego, a falta de políticas de amparo aos trabalhadores e a precarização do trabalho.

No Brasil, este tipo de trabalho responde por cerca de metade dos empregos informais, que, em 2019 e no início de 2020, respondiam por mais de 38 milhões de pessoas trabalhando sem registro, dependendo de sua própria rotina para conseguirem se manter (ROUBICEK, 2020). Ademais, em virtude da crise causada pela COVID-19 em diversos segmentos, o emprego informal tende a aumentar. No entanto, as atuais limitações à circulação de pessoas e de bens podem restringir esse tipo de mecanismo de enfrentamento (OIT, 2020). Além disso, existe o problema de trabalhar informalmente durante a crise, tendo em vista a ausência de respaldo legal que garanta direitos a estes empregados (ROUBICEK, 2020) e, em muitos tipos de trabalhos informais, se faz necessária a circulação de pessoas nas ruas, que diminuiu consideravelmente em virtude da pandemia.

Diante do cenário, o estudo objetivou identificar o impacto da COVID-19 no trabalho informal. Assim, a pesquisa busca sua justificativa nos reflexos causados pelo coronavírus em todos os segmentos e, no caso do objeto deste estudo, a publicação de Loschi (2020), por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, aponta que a informalidade atingiu 41,1% da população ocupada, o equivalente a 38,4 milhões de pessoas, o maior contingente desde 2016, apesar da estabilidade em relação a 2018. Esses dados podem ser confirmados na Tabela 1.

**Tabela 1** – Proporção de pessoas em ocupações compatíveis com trabalho em domicílio

	Total Nacional	Formal	Informal
Ocupações compatíveis <b>com trabalho em casa</b>	19,7%	23,2%	13,4%
Ocupações não compatíveis <b>com trabalho em casa</b>	80,3%	76,9%	86,6%

Fonte: Cárdenas e Montana (2020).

Ainda, segundo o IBGE (2020), a taxa média nacional de informalidade foi superada em 18 estados, variando de 41,2%, em Goiás, até 62,4% no Pará. Em 11 desses 18 estados, a taxa de informalidade ultrapassou 50%, como os estados do Pará, Maranhão, Piauí, Amazonas, Ceará, Bahia, Sergipe, Paraíba, Rondônia, Amapá e Acre. Apenas o Distrito Federal (29,6%) e Santa Catarina (27,3%) tiveram taxas de informalidade abaixo de 30%.

Além disso, a OIT (2020) afirma que trabalhadores(as) sem proteção social, em particular trabalhadores(as) autônomos(as) ou pessoas com emprego esporádico ou que trabalham com plataformas digitais, são especialmente suscetíveis de serem afetados pelo vírus, pois não têm direito à licença e nem a nenhuma proteção social.

Assim, a pesquisa busca contribuir com o conhecimento através da evidencição dos reflexos da COVID-19, pelos olhos da informalidade, a realidade que eles enfrentaram durante a pandemia e suas perspectivas futuras. Além disso, busca contribuir, agregando conhecimento e gerando a possibilidade de ampliação de pesquisas relacionadas à temática por acadêmicos, tendo em vista os números de informais apontados pelo IBGE (2020).

## 2. Referencial teórico

Esta seção de referencial teórico discute os temas que circundam a pesquisa, como o impacto da COVID-19, a informalidade e o trabalho informal a partir de diferentes gerações.

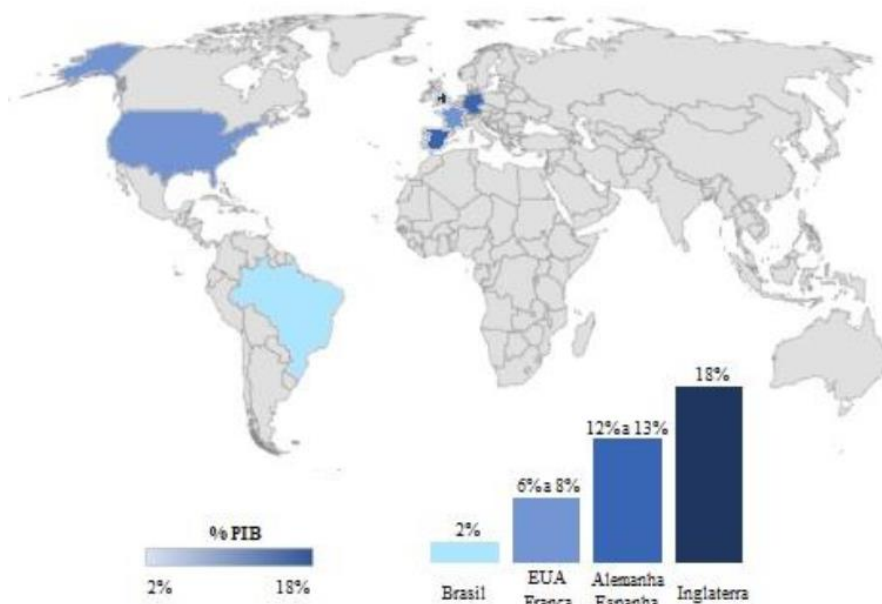
### 2.1 O impacto da COVID-19

A Revista National Geographic (2020) aponta que, no dia 11 de fevereiro de 2020, foi anunciado, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a COVID-19, acrônimo do termo *coronavirus disease*, seguido do ano do seu aparecimento. Ainda, segundo a revista, o foco epidêmico eclodiu em Wuhan quando um novo coronavírus colonizou o ser humano depois de saltar de um morcego para outro mamífero e sofrer uma mutação. O SARS-CoV-2 provoca a doença respiratória COVID-19, no qual o combate à doença requer uma abordagem multidisciplinar.

A COVID-19 se espalha muito rapidamente e, tendo em vista a propagação do coronavírus no Brasil, em 06 de Fevereiro de 2020 foi publicada a Lei Nº. 13.979/2020, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Nos incisos I e II do artigo segundo, a referida lei traz informações referentes ao isolamento e à quarentena (BRASIL, 2020).

Os impactos das medidas de isolamento social são heterogêneos entre os setores econômicos e os tipos de ocupações, visto que algumas atividades permitem a utilização do computador ou celular para o desenvolvimento das atividades laborais. Portanto, o nível da tecnologia presente nos diferentes setores da economia reflete na maior modernização destes setores, fato que pode viabilizar tanto o aumento quanto a redução dos efeitos econômicos advindos do distanciamento (CÁRDENAS; MONTANA, 2020).

Os trabalhadores informais são mais vulneráveis financeiramente, pois, normalmente, não dispõem de certos benefícios, tais como férias, licença médica, licença maternidade e seguro desemprego, entre outros. A lógica na economia informal é simples: sem trabalho, não tem pagamento. Portanto, essa parada obrigatória da maioria das atividades econômicas, ocasionada pela necessidade do isolamento social, atingirá efetivamente este grupo de trabalhadores. Por isso, a interferência do governo neste momento é importante, com o intuito de criar medidas financeiras proativas para auxiliar estas pessoas (HABITO, 2020; ANG; PEÑA-REYES, 2020). Nessa perspectiva, foram realizados pacotes econômicos ao redor do mundo e, na Figura 1, podem ser vistos e comparados alguns países em relação ao Brasil.

**Figura 1** – Comparação de pacotes econômicos no mundo

Fonte: Maranhão e Senhoras (2020).

Neste contexto, Maranhão e Senhoras (2020) defendem que a força econômica do país mostra-se como imperativa para lidar com a pandemia. Afinal, poucos países possuem fortes políticas de crédito com pacotes econômicos ou programas efetivos à população, uma vez que as políticas econômicas adotadas como resposta à COVID-19 são notadamente divergentes entre os países desenvolvidos, emergentes e subdesenvolvidos, conforme ilustrado na Figura 1.

## 2.2 Informalidade

Discutir a questão da informalidade no Brasil, ou até mesmo em outros países, é uma tarefa sempre complexa e delicada pela quase absoluta carência de dados sobre tais empreendimentos, situação que não poderia ser diferente, uma vez que decorre de sua própria condição de informal: não há registros formais do informal (NOGUEIRA, 2019).

De acordo com o IBGE, em 2019 o desemprego cai em 16 estados e outros 20 têm informalidade recorde, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). Através de Adriana Beringuy, analista da pesquisa, verificou-se que há uma relação do aumento da população empregada no país e o aumento da informalidade. Assim, a pesquisadora relata que, mesmo com a queda no desemprego em vários estados, a taxa da informalidade é superior ao crescimento da população ocupada. No Brasil, do acréscimo de 1,819 milhão de pessoas ocupadas, 1 milhão são de pessoas na condição de trabalhador informal.

Diversas abordagens sobre a caracterização e o dimensionamento da informalidade vêm sendo recomendadas e utilizadas. Essa diversidade origina-se, em primeiro lugar, de duas premissas distintas que são utilizadas para a caracterização do setor informal: a atividade econômica informal e o trabalho informal (NOGUEIRA,

2019). Nessa perspectiva, Chen (2001) retrata algumas razões que podem explicar esse fato: a taxa e o padrão de crescimento, que inclui a intensidade de trabalho e a composição setorial do crescimento; a reestruturação econômica ou crise econômica, incluindo a privatização de empresas públicas e cortes nos gastos públicos, entre outros. À vista disso, Antunes (2010) retrata que a informalização torna-se cada vez mais permanente, pois compreender seus modos de expressões e seus significados é, então, importante para que se consiga maior clareza dos mecanismos que impulsionam o mundo do trabalho da informalidade. Por outro lado, apoiar os trabalhadores pobres na economia informal é um caminho vital para reduzir a pobreza e a desigualdade (CHEN, 2012). Muitas vezes, é a necessidade de superar a finalidade global da visão lógica de que o preço mais baixo é o que leva os consumidores a obter bens e serviços na economia informal (WILLIAMS; MARTINEZ-PEREZ, 2014).

Dessa forma, Antunes (2010) descreve três modalidades de informalidade:

- a) **Primeira modalidade:** confia à figura dos trabalhadores informais tradicionais, inseridos nas atividades que exigem baixa capitalização, em busca de obter uma renda para consumo individual e familiar. Nesta atividade, destacam-se costureiras, pedreiros, jardineiros e vendedores ambulantes, entre outros;
- b) **Segunda modalidade:** estão nessa modalidade os trabalhadores informais assalariados sem registro, uma vez que perderam o estatuto de contratualidade. A indústria têxtil, de confecções e de calçados, por exemplo, tem acentuado esta tendência.
- c) **Terceira modalidade:** inclui o trabalhador informal por conta própria, que pode ser marcado como uma variante de produtor simples de mercadorias, que conta com sua respectiva força de trabalho ou de familiares e que pode subcontratar força de trabalho assalariada. Desse modo, estendem-se os pequenos negócios vinculados às grandes corporações, abrangendo as áreas de produção, comércio e prestação de serviços.

Nessa concepção, essa é uma realidade dos dias de hoje, em que as pessoas buscam entrar no comércio informal por esses vários fatores já vistos, no sentido de que, de uma forma ou de outra, as pessoas buscam meios para sobreviver diante desses fatos.

### 2.3 O trabalho informal em diferentes gerações (Y, X e *Baby Boomers*)

Seja a partir de uma ótica cultural ou histórica, o sentido do trabalho pode apresentar variações, tanto em níveis individuais quanto em níveis coletivos. Com o passar do tempo, o trabalho em si também passou por significativas mudanças, especialmente no que tange às transformações tecnológicas, destacando-se as multimídias e as redes computacionais globais. Assim, ao agregar estas novas técnicas, o trabalho transcende o esforço meramente físico das atividades e passa a englobar a mente dos indivíduos como parte fundamental do exercício laboral (CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012).

Alguns estudos destacam as diferenças entre gerações no que se refere ao valor do trabalho. Indivíduos que nascem no mesmo período vivenciam experiências sociais parecidas, e estas similaridades de vida podem impactar na forma como estas pessoas percebem e reagem a algumas situações, tais como objetivos, comportamentos, ética e motivações laborativas (SMOLA; SUTTON, 2002).

Devido a estas diferenças de atitudes diante do trabalho, a literatura, primeiramente, classifica os profissionais ativos em três gerações. Geração Y (nascidos a partir dos anos 1980), X (nascidos entre as décadas de 1960 e 1970) e *baby boomers* (nascidos entre 1940 e 1960). Dessa forma, é válido salientar que os estudos relacionados ao trabalho precisam abranger não apenas aspectos estruturais, mas também as múltiplas pretensões ou ambições inerentes à faixa etária do trabalhador (ZEMKE, 2008; VELOSO; DUTRA; NAKATA, 2016).

Algumas pesquisas que identificaram os perfis das gerações Y, X e *baby boomers* apresentam as características dos indivíduos que compõem estas três gerações. Os *baby boomers* são mais motivados, otimistas e buscam por oportunidades para que possam aumentar suas possibilidades de se inserir economicamente em várias ocupações no trabalho. Valorizam *status* e ascensão profissional. Pesquisadores especialistas nesta temática justificam as características principais dos *baby boomers* ao fato de terem vivenciado uma juventude rebelde. Porém, a maioria se transformou em adultos com perfil conservador (VELOSO; DUTRA; NAKATA, 2016; COMAZZETTO *et al.*, 2016).

Conforme afirmam os autores supracitados, a geração X é autoconfiante, leal (a si própria), cética e defende a informalidade do trabalho, tendo em vista que vivenciou o chamado *downsizing* corporativo, que foi um evento relacionado ao achatamento ou diminuição do tamanho dos processos burocráticos na estrutura administrativa da organização, conseqüentemente ocasionando eventos de demissões. Por isso, houve um estímulo à necessidade de as pessoas desenvolverem mais habilidades, com o intuito de melhorar ou facilitar sua permanência no mercado de trabalho, dada a instabilidade. Esta geração também aprecia a liberdade e flexibilidade para trabalhar, além de valorizarem o *feedback* em suas atividades.

Por fim, a geração Y caracteriza-se por ter surgido concomitante à evolução tecnológica e à globalização, fatos históricos que, certamente, contribuíram para o desenvolvimento das características comportamentais das pessoas que pertencem a esta geração. Os trabalhadores da geração Y costumam ser altamente inventivos, inovadores, relacionais, proativos e valorizam a qualidade de vida. O contexto histórico mundial no qual os indivíduos desta geração estavam inseridos era de mercados voláteis, cultura da impermanência e ausência de garantias (PERRONE *et al.*, 2013; FLINK *et al.*, 2015; COMAZZETTO *et al.*, 2016).

Desta forma, são apresentadas as diferentes gerações ativas no mercado informal e suas respectivas características.

### 3. Metodologia

Com o intuito de alcançar o objetivo, esta pesquisa foi classificada quanto à abordagem como qualitativa, tendo em vista que a pesquisa qualitativa possibilita estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas complexas relações sociais em diversos ambientes (GODOY, 1995).

No que se refere aos procedimentos, esta pesquisa foi classificada como de levantamento. Segundo Floyd (2011), o objetivo do levantamento é produzir estatísticas, isto é, descrições quantitativas ou numéricas sobre alguns aspectos de uma população. Ainda, segundo o autor, a principal forma de coletar informações é por meio de perguntas feitas às pessoas, tendo em vista que suas respostas constituem os dados a serem analisados.

Assim, o questionário foi composto por 14 questões, sendo 12 com respostas em alternativas fechadas, uma contendo vários questionamentos e com possibilidades de respostas através da escala *Likert* de 5 pontos (não concordo, concordo parcialmente, nem concordo nem discordo, concordo parcialmente, e concordo totalmente), e a última pergunta foi aberta. A primeira seção continha as perguntas que visaram coletar o perfil dos respondentes. A segunda seção foi direcionada ao negócio no período da pandemia. A última questão dessa seção trazia a pergunta aberta, onde o respondente poderia colocar suas perspectivas para o futuro do seu negócio, considerando o retorno à normalidade e buscando, assim, colocar perguntas que consistissem, basicamente, em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem rígidos (GIL, 2010).

O questionário foi criado no Google Forms e, para sua verificação e validação, foi realizado um pré-teste com um grupo de cinco pessoas que atuam na informalidade. O objetivo era deixar as perguntas compreensíveis e que nenhum dos respondentes tivesse dificuldades de responder.

Após a validação do questionário, ele pôde ser aplicado aos propensos respondentes. Para isso, os autores, inicialmente, realizaram a divulgação através de seus respectivos contatos e buscaram realizar a técnica *snowball* (bola de neve), tendo em vista ser uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

Os dados coletados foram tratados no SPSS® V.24, no qual dados semelhantes foram colocados em planilhas e quadros para melhorar a visualização dos resultados e a sua explanação. Além disso, e para analisar a pergunta aberta que constava no questionário, o estudo buscou identificar quais foram as palavras que mais se repetiram nesta questão. Para realizar a análise das respostas abertas de cada respondente, foi utilizado o programa Iramuteq, versão 0.7, Alpha 2, de livre acesso. Os dados preliminares sobre o perfil dos respondentes estão dispostos na Tabela 2.



**Tabela 2 – Perfil dos respondentes**

Descrição	Itens	Quantidade	%	% Acumulado
Idade	Geração Y	60	62%	62%
	Geração X	37	38%	100%
Gênero	Feminino	78	80%	80%
	Masculino	19	20%	100%
Escolaridade	Primeiro Grau (inc./comp.)	10	10%	10%
	Segundo Grau (inc./comp.)	36	37%	47%
	Superior (inc./comp.)	41	42%	89%
	Pós-graduação	11	11%	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Evidencia-se um número expressivo de respondentes que estão classificados na geração Y, representando 62%, e a geração X, com 38%. Em sua maioria, os respondentes são do gênero feminino, 80%, e 47% estão com escolaridade em andamento ou possuem até o segundo grau. O curso superior incompleto ou finalizado representou 42% dos respondentes. No tópico referente aos resultados, são tratadas as perguntas que se alinham ao objetivo da pesquisa.

#### 4. Resultados e discussões

Nesta seção, serão apresentados os resultados da pesquisa com profissionais que trabalham na informalidade, as características de sua atividade e suas impressões iniciais das informações referentes à COVID-19. Ademais, foram realizadas perguntas para identificar o momento do conhecimento sobre a COVID-19 e como a pandemia poderia impactar suas relações pessoais, profissionais e sociais. Na segunda etapa de questões, evidencia-se a situação destes no contexto da pandemia, tanto financeiramente como no contexto profissional. Por fim, a pesquisa apresenta as perspectivas dos respondentes para o período pós-pandemia. Inicialmente, são apresentadas informações sobre a atividade que realizam, de que maneira expõem seus produtos ou serviços aos seus clientes e qual a sua renda. Os resultados estão dispostos na Tabela 3.

**Tabela 3 – Atividade e forma de realização das atividades dos respondentes**

Descrição	Item	Quantidade	%	% Acumulado
Atividade informal	Outras atividades	57	49%	49%
	Produtos de revistas	21	18%	67%
	Artesanato	18	15%	82%
	Roupas	10	9%	91%
	Acessórios femininos	10	9%	100%
Forma pela qual realiza a atividade	Presencialmente	57	31%	31%
	Redes sociais	53	29%	60%
	WhatsApp	47	26%	86%
	Outras	19	10%	96%
	Espaço em sites de venda	6	3%	99%
Renda atual	Site próprio	2	1%	100%
	Menos de 1 (um) salário mínimo	35	35%	35%
	1 (um) salário mínimo	30	31%	67%
	De 2 a 5 salários mínimos	28	29%	96%
	De 6 a 10 salários mínimos	4	4%	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

A pergunta sobre atividade poderia ser respondida com mais de uma alternativa, tendo em vista que os profissionais da informalidade geralmente não trabalham em um segmento específico. Alinhado a isso, foram colocadas algumas possibilidades de atividades, como pode ser visto na Tabela 3. No entanto, 49% dos respondentes apontaram outras ações, tais como motorista de aplicativo, ambulante, serviços de entrega e vendedor de sapatos, 18% no segmento atual de produtos de catálogo, 15% com artesanato, e 18% com roupas e acessórios femininos. Na sequência, foram questionados de que forma realizam suas atividades, sendo 31% presencialmente, 29% pelas redes sociais, 26% pelo WhatsApp, e 14% de outras formas. Nessa perspectiva, Naves *et al.* (2017) apontam que as MPEs estão utilizando redes sociais digitais como ferramenta de marketing e que resultados são alcançados por meio dessas, permitindo maiores captações de clientes, fidelização e, conseqüentemente, ampliação das vendas a essas empresas, tendo em vista que o uso da tecnologia permite que as mulheres transformem suas vidas sociais e econômicas, mudando e remodelando processos que permitem oportunidades de crescimento e desenvolvimento, oferecendo, em última análise, uma ponte para fechar as muitas lacunas no desenvolvimento socioeconômico humano nos países em desenvolvimento (CRITTENDEN; CRITTENDEN; AJJAN, 2020).

Ainda, nesse contexto, as redes sociais são um novo canal de comunicação entre as empresas, incluindo PME e os clientes, que lhes permitem interagir diretamente (WARDATI; MAHENDRAWATHI, 2019). Assim, para pequenos varejistas locais, promover interações sociais em uma plataforma on-line pode ser uma ferramenta econômica para aumentar as vendas de curto prazo e cultivar relacionamentos de longo prazo (KIM; KIM; CHOI, 2020).

No que se refere à renda, evidencia-se que 68% estão no patamar financeiro de até um salário mínimo e 28%, de 2 a 5 salários mínimos. Essa situação caracteriza-se pelo momento da pandemia. No seu site sobre economia, o G1 (2020) destaca que a pesquisa foi publicada pelo jornal Folha de São Paulo, apontando que, por tipo de ocupação, a perda de renda foi mais relatada por assalariados sem registro (61%), empresários (56%) e autônomos (54%). A queda é maior entre aqueles com renda familiar de até dois salários mínimos (48%). Corroborando, Kansiime *et al.* (2020) apontaram, em sua pesquisa, que mais de dois terços dos entrevistados sofreram choques de renda devido à crise da COVID-19.

Adicionalmente, foram realizadas perguntas que pudessem identificar alguns pontos específicos relacionados à situação de conhecimento e preocupações pessoal e social que foram geradas no momento do conhecimento sobre a COVID-19. Assim como na Tabela 3, eles poderiam marcar mais de uma opção nas respostas que foram disponibilizadas. Inicialmente, foram questionados sobre o veículo através do qual tomaram conhecimento do coronavírus, 35% responderam que foi através da televisão, seguido por 21% pela internet e 20% pelas redes sociais. Além dessas, 10% receberam informações por outros meios de comunicação, 8% com as pessoas com quem convivem e 6% através do rádio.

Na sequência, foram questionados sobre sua reação ao tomar conhecimento da COVID-19 em relação à saúde das pessoas, sendo que 31% ficaram preocupados(as) sobre como isso impactaria a vida da sua família, 25% sobre como impactaria sua vida profissional e 25% sobre o impacto que poderia causar na vida da

coletividade. Porém, 8% acharam que seria sério, mas não que lhes afetaria. 7% não acharam que seria sério e 4% acharam que seria muito exagero e não seriam afetados(as).

A próxima questão buscou identificar suas preocupações após tomarem conhecimento da COVID-19, estando 47% ficaram preocupados(as) com o impacto que poderia causar nas pessoas de sua localidade, 34% sobre sua profissão na localidade onde residem, 17% com o impacto na sua família e 2% continuaram achando que não seria sério ou que não seriam afetados(as).

Na segunda seção do questionário, os respondentes apontaram, especificamente, os impactos da COVID-19 na sua atividade, inicialmente respondendo o reflexo na sua vida financeira. As respostas podem ser evidenciadas na Tabela 4.

**Tabela 4 – Impacto da COVID-19 na renda familiar**

Descrição	Quantidade	%	% Acumulado
Reduziu entre 5% e 10%	24	25%	25%
Reduziu entre 11% e 30%	15	16%	41%
Reduziu 50%	13	14%	55%
Aumentou	12	12%	67%
Reduziu entre 81% e 100%	10	10%	77%
Reduziu entre 60% e 70%	9	9%	86%
Reduziu 40%	8	8%	94%
Reduziu 80%	6	6%	100%

**Fonte:** Dados da pesquisa (2020).

Com base nos resultados, a redução ficou evidenciada para a maioria dos respondentes, concentrando-se, especificamente, em perdas que vão de 5% a 50%, representando 63% dos respondentes. A outra parte, 25%, apontou perdas que giraram entre 60% e 100%. Porém, 12% afirmaram que houve crescimento em seu faturamento com o advento da pandemia. Com o objetivo de coletar mais informações sobre a situação da atividade informal durante a pandemia, que, no caso do estudo, foi de abril a julho de 2020, foram realizadas diversas perguntas acerca das mudanças provocadas com a chegada e a permanência da pandemia. Nestas perguntas, foi utilizada a escala *Likert* de 5 pontos. Dessa forma, tem-se DT (Discordo Totalmente), DP (Discordo Parcialmente), Nem Concordo Nem Discordo (Neutro), CP (Concordo Parcialmente) e CT (Concordo Totalmente). Os resultados estão dispostos no Quadro 1 e incluem a moda que aponta qual dos pontos concentrou o maior número de respondentes.

**Quadro 1 – Situação provocada pela pandemia da COVID-19**

Perguntas	DT	DP	Neutro	CP	CT	Moda
Estou em isolamento social	7	21	9	23	37	CT
A COVID-19 impactou minha atividade profissional	6	14	5	28	44	CT
Fiquei sem atividade profissional após a chegada das restrições implementadas em virtude da COVID-19	21	22	9	29	16	CP
Tive perda financeira pelo impacto da COVID-19	13	16	5	27	36	CT
Perdi clientes após o início da quarentena	18	16	9	31	23	CP
Tive que fazer outra coisa	27	15	10	22	23	DT
Tive que fazer promoção	25	15	10	25	22	DT(CP)
Perdi todo meu negócio	55	16	8	11	7	DT
Tive que fazer a mesma coisa de forma diferente	16	11	16	34	20	CP
Por estar fazendo a mesma coisa de forma diferente, meu faturamento se manteve	30	20	16	22	9	DT
Por estar fazendo a mesma coisa de forma diferente, meu faturamento aumentou	41	16	16	15	9	DT
Estou tendo que trabalhar mais	15	22	12	19	29	CT
Meu negócio cresceu e precisei contratar outra pessoa	71	11	9	3	3	DT

**Fonte:** Dados da pesquisa (2020).

Para realizar as análises do Quadro 1, utilizou-se, como critério, a moda e as respostas próximas a ela, que são apresentadas em percentuais, tendo em vista que a pesquisa verificou o fato de a tendência do segundo maior número de respondentes ser anterior ou posterior à moda, concentrando, assim, a propensão dos respondentes para concordância ou discordância das perguntas que foram apresentadas.

As perguntas começam buscando identificar se o respondente estava em isolamento social, sendo que 62% concordaram totalmente ou parcialmente. Na sequência, foi identificado que 74% concordaram totalmente ou parcialmente que a COVID-19 impactou sua atividade profissional. Nesta mesma linha, 46% apontaram a perda da atividade profissional devido às restrições implantadas pelo coronavírus com consequências financeiras para 65% e perda de clientes para 56%, tendo em vista que todos os setores sentem na pele a crise econômica resultante do coronavírus e, conseqüentemente, a perda de clientes (NERY, 2020). Já que a demanda do cliente mudou de itens discricionários para aqueles percebidos como essenciais, as pessoas começaram a priorizar a saúde e a segurança da cadeia de suprimentos em detrimento de custos e conveniência (VADER; MARTIN; LIN, 2020).

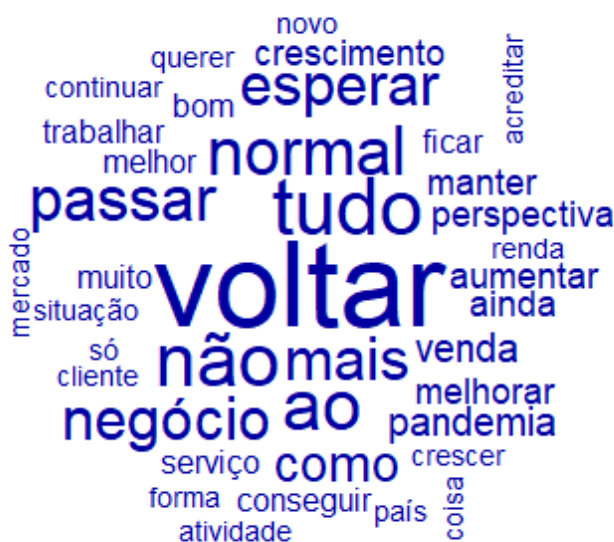
Para 43%, houve a necessidade de mudança de atividade, e 41% se viram na eminência de realizar promoções para o estoque. Porém, para 73%, a COVID-19 não afetou a perda do seu negócio. Para 56%, houve a necessidade de fazer diferente com o que já possuía. Nesta perspectiva, para 52%, ao realizar ações desse tipo, não houve a manutenção do seu faturamento, e para 59% não houve aumento por realizar essa ação de mudança no negócio. Ademais, 49% apontam que estão trabalhando mais, e para 85%, tendo em vista o cenário, não houve contratação de outra pessoa para o negócio. Alinhado a esse resultado, Maicon (2020) afirma que as pessoas estão trabalhando mais horas, isso em virtude das mudanças em sua carga de trabalho, dificuldade de trabalho, renda, contato social, trabalho em casa, desempenho de tarefas e compromisso organizacional durante a pandemia e sobre o risco de infecção pela COVID-19 durante a jornada de trabalho (PROCHAZKA *et al.*, 2020).

A pesquisa separou as idades por geração X e Y e realizou uma tabulação cruzada no SPSS®, buscando relacionar cada pergunta com a geração do

respondente. O intuito era identificar diferenças entre as gerações, tendo em vista que a geração Y é mais inovadora e proativa. Por outro lado, a geração X tende a ser mais autoconfiante. Apesar das características distintas, o impacto apresentado pelas respostas seguiu a mesma tendência do Quadro 1. As mesmas tendências de respostas foram confirmadas quando do cruzamento do gênero dos respondentes com as perguntas do Quadro 1, confirmando, estatisticamente, que, independente da geração ou do gênero, o impacto foi sentido na mesma proporção.

Por fim, foram questionados sobre sua perspectiva para o futuro pós-pandemia. Como foi uma pergunta aberta, foi utilizado o sistema Iramuteq, versão 0.7, Alpha 2, para criar a nuvem de palavras, tendo em vista a possibilidade de utilizar o programa para exclusão de termos específicos, assim como realizar a concentração das palavras que mais foram citadas pelos respondentes. O resultado das respostas abertas encontra-se na Figura 2.

**Figura 2 – Perspectiva pós-pandemia**



**Fonte:** Dados da pesquisa (2020).

Tendo em que a pesquisa foi realizada no foco das medidas restritivas de abril a agosto de 2020, a Figura 2 evidencia que a palavra mais forte no período é “voltar”, representando um sentimento de sair da situação em que se encontravam no momento, alinhada com o segundo destaque, que é “tudo passar”. No entanto, “esperar” aparece, tendo em vista não ser uma opção própria e, sim, das mudanças positivas do cenário externo. Na sequência, tem-se “normal”, que está ligada, ainda, ao entendimento de esperar voltar ao normal, e “negócios”, considerando dependerem da volta ao normal para continuarem seus negócios.

Além do mais, evidencia-se uma perspectiva positiva de mudanças futuras após a pandemia, tendo em vista que palavras como “acreditar”, “venda”, “aumentar”, “crescer”, “atividade” e “conseguir” também aparecem de forma expressiva nas respostas dos respondentes. Esses resultados corroboram com López-Goñi (2020). Segundo o autor, embora o surto seja preocupante, a boa notícia é que existem razões para otimismo, tendo em vista que, em meio à tragédia e incerteza, correu uma forte corrente de esperança. Indivíduos e comunidades responderam com empatia e força (DELOITTE, 2020).

## 5. Conclusão

A pesquisa buscou identificar o impacto da COVID-19 no trabalho informal. Para isso, usou um questionário como técnica de coleta de dados. O questionário foi enviado aos respondentes de forma eletrônica, através das redes sociais, com o uso da técnica bola de neve.

O estudo levantou que os respondentes foram, em sua maioria, do gênero feminino e da geração Y, que realizam atividades informais diversas, possuem o segundo grau em andamento, ou concluído, assim como boa parte tem pós-graduação. Os participantes realizam suas atividades de forma presencial, pelas redes sociais ou pelo WhatsApp e a maioria recebe, no máximo, um salário mínimo.

Com base nos resultados, o estudo concluiu que a pandemia provocou redução financeira, que variou de 5% a 50%, que o isolamento utilizado como medida de segurança contra o coronavírus impactou sua atividade profissional e gerou a perda de clientes. Ainda, segundo os dados, eles passaram a fazer a mesma coisa de forma diferente. No entanto, as modificações não surtiram efeito para aumento ou manutenção da renda. Ademais, apontaram que passaram a trabalhar mais e isso não gerou a contratação de um novo funcionário.

No que se refere às perspectivas futuras, vê-se um cenário positivo por parte dos respondentes, tendo em vista as respostas dadas. De acordo com os depoimentos coletados, as palavras mais citadas pelos participantes foram “voltar”, “normal”, “tudo passar”, “esperar”, “negócio”, “venda”, “acreditar”, “aumentar”, “crescer”, “perspectiva” e “conseguir”.

Ademais, a pesquisa infere que, alinhado com o que a pandemia provocou em todos os segmentos, na informalidade não foi diferente e, tendo em vista a ausência de outros benefícios sociais em virtude da informalidade, estes se tornaram mais vulneráveis ao reflexo das medidas de isolamento social necessárias, que foram impostas através de decretos estaduais.

As limitações do estudo referem-se a encontrar respondentes para participarem, tendo em vista que a pandemia provocou mudanças profundas no dia a dia das pessoas, sobrando um tempo menor para participar de pesquisas acadêmicas. Para pesquisas futuras, sugere-se a replicação da pesquisa com o intuito de verificar como a mudança de cenário, através das medidas de relaxamento, modificou a situação dos profissionais que atuam informalmente.

## Referências

ANG, A. P.; PEÑA-REYES, S. P. K. **Aid Distribution During the COVID-19 Crisis**. Department of Economics, Ateneo de Manila University, 2020. Disponível em: [http://ateneo.edu/sites/default/files/downloadable-files/ADMU%20WP%202020-06\\_0.pdf](http://ateneo.edu/sites/default/files/downloadable-files/ADMU%20WP%202020-06_0.pdf). Acesso em: 12 Out. 2020.

ANTUNES, R. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho?. **Serviço Social & Sociedade**, n. 107, p. 405-419, 2011.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: Congresso Nacional de Educação, 10., 2011, Curitiba. **Anais ...** Curitiba: EDUCERE, 2011. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398\\_2342.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf). Acesso em: 12 Out. 2020.

BITTENCOURT, R. N. "Pandemia, isolamento social e colapso global". **Revista Espaço Acadêmico**, v.19, n. 221, p.168-178, 2020.

BORGES, B.; DUQUE, D.; VELOSO, F. A. A.; SENNA, J. J.; PEREIRA, L. V.; RIBEIRO, L.; MATOS, S. M. "O maior desafio mundial desde a Segunda Guerra Mundial". **FGV IBRE – Boletim Macro**, março, 2020. Disponível em: [http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/28947/BoletimMacroIbre\\_2003%201 .pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/28947/BoletimMacroIbre_2003%201.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 12 Out. 2020.

BRASIL. Lei Nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735>. Acesso em: 29 out. 2020.

CÁRDENAS, J.; MONTANA, J. Efecto del COVID-19 sobre las ocupaciones de trabajadores en Colombia. **AlianzaEFI: Economía Formal e Inclusiva**, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://alianzaefi.com/download/efecto-del-COVID-19-sobre-las-ocupaciones-de-trabajadores-en-colombia/>. Acesso em: 12 Out. 2020.

CAVAZOTTE, F. S. C. N.; LEMOS, A. H. C.; VIANA, M. D. A. Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais?. **Cadernos Ebape. br**, v. 10, n. 1, p. 162-180, 2012.

CHEN, M. A. Women and informality: A global picture, the global movement. **Sais Review**, v. 21, n. 1, p. 71-82, 2001.

COMAZZETTO, L. R.; VASCONCELLOS, S. J. L.; PERRONE, C. M.; GONÇALVES, J. A geração Y no mercado de trabalho: um estudo comparativo entre gerações. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 1, p. 145-157, 2016.

CRITTENDEN, V. L.; CRITTENDEN, W. F.; AJJAN, H. Women in sales in developing countries: The value of technology for social impact. **Business Horizons**, v. 63, n. 5, p. 619-626, 2020.

DE VITO, A.; GÓMEZ, J. Estimating the COVID-19 cash crunch: Global evidence and policy. **Journal of Accounting and Public Policy**, v. 39, n. 2, p. 106741, 2020.

FLINK, R.; FERREIRA, C. N.; HONORATO, G.; ARAUJO, J. R.; PROENÇA, T. S. Porque e como atrair e reter os profissionais da geração Y nas empresas. In:

Congresso Virtual Brasileiro de Administração, 9., 2015, On-line. **Anais ...** On-line: Convibra, 2015.

G1. Datafolha: 46% dos brasileiros dizem ter tido redução na renda familiar por causa da pandemia. **G1 Economia**, 20 de Ago. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/08/20/datafolha-46percent-dos-brasileiros-dizem-ter-tido-reducao-na-renda-familiar-por-causa-da-pandemia.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2020.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun., 1995.

HABITO, C. Worst-Hit. **Inquirer Opinion**, 03 de Abr. de 2020. Disponível em: <https://opinion.inquirer.net/128578/worst-hit>. Acesso em: 20 mai. 2020.

KANSIIME, M. K.; TAMBO, J. A.; MUGAMBI, I.; BUNDI, M.; KARA, A.; OWUOR, C. COVID-19 implications on household income and food security in Kenya and Uganda: Findings from a rapid assessment. **World Development**, v. 137, p. 105199, 2020.

KIM, J. J.; KIM, S.; CHOI, J. Purchase now and consume later: Do online and offline environments drive online social interactions and sales?. **Journal of Business Research**, v. 120, p. 274-285, 2020.

LIMA, F. C.; BENDASSOLLI, P. F. **Trabalhadores e Trabalhadoras na Informalidade: Intervenções Possíveis**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2020

LÓPEZ-GOÑI, I. Coronavírus: 10 sinais de esperança sobre a epidemia da COVID-19. **Uol Saúde**, 04 de mar. De 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/03/04/coronavirus-10-sinais-de-esperanca-sobre-a-epidemia-da-COVID-19.htm>. Acesso em: 20 nov. 2020.

LOSCHI, M. Desemprego cai em 16 estados em 2019, mas 20 têm informalidade recorde. **Agência IBGE Notícias**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26913-desemprego-cai-em-16-estados-em-2019-mas-20-tem-informalidade-recorde>. Acesso em: 01 mai. 2020.

MAICON, R. Jornada de trabalho aumenta com home office. **Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar**, 23 de Out. de 2020. Disponível em: <https://www.diap.org.br/index.php/noticias/noticias/90067-jornada-de-trabalho-aumenta-com-home-office>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MAITAL, S.; BARZANI, E. The Global Economic Impact of COVID-19: A Summary of Research. **Samuel Neaman Institute for National Policy Research**, 2020. Disponível em: <https://www.neaman.org.il/EN/Files/Global%20Economic%20Impact%20of%20COVID19.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2020.



MARANHÃO, R. A.; SENHORAS, E. M. “Pacote econômico governamental e o papel do BNDES na guerra contra o novo corona vírus”. **Revista Boletim de Conjuntura**, v. 02, n. 04, 2020.

MESQUITA, L. Trabalho Informal e o Impacto do Coronavírus. **Brasil Escola**, 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/videos/trabalho-informal-e-o-impacto-do-coronavirus.htm>. Acesso em: 01 mai. 2020.

NATIONAL GEOGRAPHIC. **A luta para ganhar o combate ao coronavírus**. Edição Mensal nº 23, maio, 2020.

NAVES, F. M.; DA SILVA; W. B.; FERNANDES, G. G.; CAMPOS, R. C.; VALADARES, G. C. Redes sociais digitais como estratégia de inovação no marketing digital em micro e pequenas empresas do comércio varejista de Lavras-MG. In: Colóquio Redes, Estratégia e Inovação, 8., 2017, Lavras. **Anais ...** Lavras: CREI, 2017. Disponível em: <http://www.nucleoestudo.ufla.br/gerei/wp-content/uploads/2018/02/REDES-SOCIAIS-DIGITAIS-COMO-ESTRAT%C3%89GIA-DE-INOVA%C3%87%C3%83O-NO-MARKETING-DIGITAL-EM-MICRO-E-PEQUE.pdf>. Acesso em: 12 Out. 2020.

NERY, P. Coronavírus: Como diminuir a perda de clientes?. **Contábeis**, 08 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.contabeis.com.br/artigos/6107/coronavirus-como-diminuir-a-perda-de-clientes/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

NOGUEIRA, M. O. **Um pirilampo no porão**: um pouco de luz nos dilemas da produtividade das pequenas empresas e da informalidade no país. 2. ed. Brasília: IPEA, 2019.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Como a COVID-19 afetará o mundo do trabalho?. **OIT**, 3 de abril de 2020. Disponível em: [https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS\\_740753/lang--pt/index.htm](https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_740753/lang--pt/index.htm). Acesso em: 29 out. 2020.

PERRONE, C. M.; ENGELMAN, S.; SANTOS, A. S.; SOBROSA, G. M. R. A percepção das organizações pela Geração Y. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 6, n. 3, p. 546-560, 2013.

PROCHAZKA, J. *et al.* Data on work-related consequences of COVID-19 pandemic for employees across Europe. **Data in brief**, v. 32, p. 106174, 2020.

ROUBICEK, M. Empregos Informais: Os mais vulneráveis à crise da pandemia. **Nexo Jornal**, 17 de mar. De 2020. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2020/03/17/Empregos-informais-os-mais-vulner%C3%A1veis-%C3%A0-crise-da-pandemia>. Acesso em: 29 out. 2020.

SMOLA, K.W.; SUTTON, C.D. Generational Differences: revisiting generational work values for the new millenium. **Journal of Organizational Behavior**, v.23, p.363-382, 2002.

VADER, R.; MARTIN, P.; LIN, W. [Pleasing customers during a pandemic. KPMG.](https://home.kpmg/xx/en/home/insights/2020/03/pleasing-customers-during-a-pandemic.html) Disponível em: <https://home.kpmg/xx/en/home/insights/2020/03/pleasing-customers-during-a-pandemic.html>. Acesso em: 21 nov. 2020.

VELOSO, E. F. R.; DUTRA, J. S.; NAKATA, L. E. Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações y, x e baby boomers. **REGE-Revista de Gestão**, v. 23, n. 2, p. 88-98, 2016.

VISWANATH, A.; MONGA, P. Working through the COVID-19 outbreak: Rapid review and recommendations for MSK and allied health personnel. **Journal of clinical orthopaedics and trauma**, v. 11, n. 3, p. 500-503, 2020.

VOLINI, E. *et al.* Returning to work in the future of work: Embracing purpose, perspective and possibility during COVID-19. **DELOITTE Insights**. Disponível em: <https://www2.deloitte.com/us/en/insights/focus/human-capital-trends/2020/COVID-19-and-the-future-of-work.html>. Acesso em: 21 nov. 2020.

WARDATI, N. K.; MAHENDRAWATHI, E. R. The Impact of Social Media Usage on the Sales Process in Small and Medium Enterprises (SMEs): A Systematic Literature Review. **Procedia Computer Science**, v. 161, p. 976-983, 2019.

WILLIAMS, C. C.; MARTINEZ-PEREZ, A. Why do consumers purchase goods and services in the informal economy? **Journal of Business Research**, v. 67, n. 5, p. 802-806, 2014.

ZEMKE, R. O.; **Respeito às gerações**. In: MARIANO, S. R. H.; MAYER, V. F. (Org). *Modernas Práticas na Gestão de Pessoas*. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 51-55, 2008.